

ADAPTAÇÃO

CONTO DE ESCRITOR PAULISTA PODE VIRAR FILME NA ESPANHA

Por volta de 1960, o escritor André Carneiro cobria os olhos com algodão e óculos escuros para melhor entender o universo de quem não vê. “Depois disso, olhava as teclas da máquina de escrever mas, quando parava para pensar, estava sempre de olhos fechados”, comenta Carneiro. A experiência fazia parte de sua pesquisa para escrever “Escuridão”, seu conto mais publicado no exterior e que atraiu a atenção de produtores de cinema nos EUA e Europa. Essa história foi publicada pela primeira vez em 1963, pela Edart, na coletânea *Diário da nave perdida*, reunindo outros contos do escritor. Desde então, foi republicada em mais de 12 países – Japão, Grécia, Alemanha e Bélgica, entre outros. Em 2003, “Escuridão” integrou a antologia *Páginas de sombra: contos fantásticos brasileiros*, organizada por Bráulio Tavares, para a editora carioca Casa da Palavra.

Em abril passado, André Carneiro assinou contrato de venda de “Escuridão” para a realização de um roteiro cinematográfico. As negociações começaram alguns meses antes, quando Carneiro foi contatado pelo espanhol José Manuel C. Hernández. O escritor conta que Hernández escreveu-lhe porque gostava muito de “Escuridão”,



Capa do livro de André Carneiro

mas julgava que a obra já tinha sido adaptada para o cinema. Há vários anos a história despertou o interesse de americanos e esteve em vias de virar filme. Carneiro lembra que seu agente literário e tradutor nos Estados Unidos, Leo Barrow, também professor de literatura na Universidade do Arizona, em Tucson, pediu-lhe licença para escrever um roteiro cinematográfico baseado na história, por ele traduzida. “O roteiro interessou um diretor mexicano que já dirigira filmes em Hollywood. A intenção de Barrow era encaminhar o roteiro a um grande produtor, seu amigo. Mas esse diretor acabou cometendo um crime passionnal, o que interrompeu definitivamente todo o processo”, conta.

HISTÓRIA DAS TREVAS O conto se passa em local e tempo indeterminado, quando a humanidade está às vésperas de viver fenômeno semelhante a um eclipse, porém muito mais poderoso e catastrófico: não é apenas a luz

solar que está prestes a desaparecer, mas toda e qualquer forma de luz, da emitida pelo fogo à da lâmpada elétrica. Fósforos ou lanternas são inúteis. O planeta mergulha numa escuridão absoluta e a civilização entra em colapso. Saques, violência, fome e doença. Wladas, o solitário narrador-personagem, enfrenta sucessivas provações e, ao assumir a responsabilidade por uma frágil família vizinha, acaba sendo ajudado por cegos de nascença, os mais aptos a lidar com as trevas absolutas. Semanas depois, a luz retorna gradativamente, as sociedades se reorganizam, mas nessa trajetória a humanidade nunca mais seria a mesma.

AVENTURA BRASILEIRA Não é a primeira vez que o escritor se envolve com cinema. Carneiro já escreveu roteiros sobre Meneghetti, o célebre ladrão dos anos 1920 em São Paulo, por encomenda do produtor italiano Carlo Ponti, e dirigiu um curta-metragem de ficção científica com Regina Shakti e Rudolf Peper no elenco, aproveitando como cenário o rádio-telescópio de Atibaia no interior paulista.

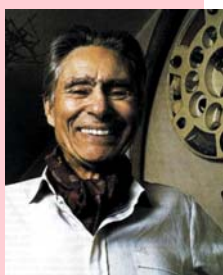
Não custa lembrar que um texto do brasileiro Jorge Luiz Calife inspirou Arthur C. Clarke a escrever uma sequência de *2001: uma odisséia no espaço* (1968), de Stanley Kubrick, e que resultou no filme *2010: o ano em que faremos contato* (1984), dirigido por Peter Hyams. Em 1975, Calife escreveu o conto “2002”, continuação do filme *2001*, e em 1977 enviou um resumo do texto para Clarke, que pediu permissão para usar as idéias. “O livro do Clarke, *2010: odisséia 2*, saiu por volta de 1980, com um agra-

decimento às minhas sugestões no final. A revista *Manchete* publicou então como encarte o conto original, que tinha inspirado Clark e”, lembra o autor.

Alfredo Luiz Paes de Oliveira Suppia

QUEM É ANDRÉ CARNEIRO

André Carneiro nasceu em Atibaia/SP, em 9 de maio de 1922. É poeta, escritor, fotógrafo,



cineasta e artista plástico, com obras traduzidas em mais de doze países. Segundo o escritor americano A. E. van Vogt, “a literatura de André Carneiro tem o mesmo valor de um Kafka ou Camus.” É o escritor brasileiro de ficção científica mais conhecido e de mais prestígio no exterior, autor de livros de poesia e prosa premiados, dentre eles os romances *Piscinal Livre* (1980), *Amorquia* (1991) e o livro de contos *A máquina de Hye ronimus e outras histórias* (1997). Sua obra foi, e continua sendo, objeto de estudo de teses acadêmicas. No momento, Roberto de Souza Causo prepara a publicação do quarto livro de contos de Carneiro, *Confissões do inexplicável*, com lançamento esperado no segundo semestre de 2006, pela editora Devir, de São Paulo.



Dança religiosa de indígenas brasileiros, 1592, gravura em metal de Theodor de Bry

PUBLICAÇÕES

O SÉCULO DE OURO DA HISTÓRIA DA ARTE NO BRASIL

“Estamos vivendo o século de ouro da arte brasileira em termos de publicação”, diz o artista plástico e livre docente da Unesp, Percival Tirapeli, que atribui às leis Mendonça e Rouanet, boa parte dos méritos dessa realização. “Sem essas leis estaríamos no fundo do poço”. Segundo Tirapeli, até meados da década de 1980 era notória a carência de publicações em história da arte no país. Na década anterior, porém, boa parte do modernismo brasileiro estava coberto pelas publicações, e o barroco e a arte colonial eram constantemente abordados pelo crítico de arte Clarival do Prado Valadares, e pelos Atlas Culturais do professor Silva Telles. Ele destaca, porém, que foi uma época caracterizada por publicações com predominância de

texto sobre a imagem, tratando de períodos ou artistas específicos e teses acadêmicas adaptadas. “Havia uma ausência evidente de catálogos e livros intermediários de grandes produções acadêmicas e gráficas”, diz o artista. Apenas em meados da década passada essa situação se modifica devido às leis de incentivo à cultura, à importância que ela passa a ter na cidade de São Paulo, e ao maior interesse de investimentos públicos e privados em arte em todo o país. É quando começam ocorrer megaexposições e a publicação de seus catálogos como *A mão afro-brasileira* e *O universo mágico do barroco*, ambos sob a curadoria de Emanuel Araújo, ou a exposição das obras de Auguste Rodin, na Pinacoteca do Estado, na capital paulista. “Entre 1995 e 2000